



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS TERESINA CENTRAL
CURSO TECNOLOGIA EM RADIOLOGIA**

DANYELE SILVA SANTOS

**O CONHECIMENTO DAS MULHERES SOBRE O EXAME DE MAMOGRAFIA E O
CÂNCER DE MAMA NA ZONA URBANA DO MUNICÍPIO DE LAGOA DO MATO
(MA)**

TERESINA

2024

DANYELE SILVA SANTOS

O CONHECIMENTO DAS MULHERES SOBRE O EXAME DE MAMOGRAFIA E O
CÂNCER DE MAMA NA ZONA URBANA DO MUNICÍPIO DE LAGOA DO MATO
(MA)

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico)
apresentado como exigência parcial para obtenção
do diploma do Curso Tecnologia em Radiologia do
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Piauí, Campus Teresina Central.

Orientadora: Prof. Dr. Wilson Seraine da Silva
Filho.

TERESINA

2024

O CONHECIMENTO DAS MULHERES SOBRE O EXAME DE MAMOGRAFIA E O CÂNCER DE MAMA NA ZONA URBANA DO MUNICÍPIO DE LAGOA DO MATO (MA)

Danyele Silva Santos¹
Wilson Seraine da Silva Filho²

RESUMO

Introdução. A mamografia é o principal exame para a detecção precoce do câncer de mama, sendo que quanto mais precoce o diagnóstico, melhores são as chances de cura. **Objetivo.** Examinar o acesso das mulheres ao exame de mamografia e o conhecimento sobre o câncer de mama no município de Lagoa do Mato (MA). **Metodologia.** Para a coleta de dados foi elaborado um questionário e aplicado para 60 mulheres. Os dados colhidos foram analisados e apresentados em forma de gráficos em valores percentuais. **Resultados e Discussão.** Realizou-se uma pesquisa quantitativa e os dados foram apresentados nos gráficos com auxílio do Excel para uma melhor análise. Diante disso, verificou-se que as entrevistadas possuíam conhecimento sobre o câncer de mama, porém muitas delas desconhecem o exame de mamografia, e a maioria não o realiza regularmente. **Conclusão.** Os resultados desta pesquisa revelam que embora o câncer de mama seja uma preocupação conhecida entre as mulheres, o conhecimento sobre a importância da mamografia para a detecção precoce da doença ainda é limitado.

Palavras-chave: Mamografia. Câncer de mama. Conhecimento.

ABSTRACT

Introduction. Mammography is the main test for the early detection of breast cancer, and the earlier the diagnosis, the better the chances of a cure. **Objective.** To examine women's access to mammography and their knowledge of breast cancer in the municipality of Lagoa do Mato (MA). **Methodology.** A questionnaire was developed for data collection and administered to 60 women. The gathered data were analyzed and presented in the form of percentage-based graphs. **Results and Discussion.** A quantitative research approach was undertaken, with data presented in graphs using Excel for enhanced analysis. It was observed that the surveyed individuals possessed knowledge about breast cancer; however, many were unaware of mammography exams, with the majority not undergoing them regularly. **Conclusion.** The results of this study indicate that while breast cancer remains a recognized concern among women, awareness regarding the significance of mammography for early disease detection remains limited.

Keywords: Mammogram. Breast cancer. knowledge.

Data de aprovação: 24/06/2024

¹ Graduanda em Tecnologia em Radiologia. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí. Campus Teresina Central. catce.2021111trad0312@aluno.ifpi.edu.br.

² Orientador e Professor Mestre Wilson Seraine da Silva Filho. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí. Campus Teresina Central. wilson.seraine@ifpi.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

O câncer representa um dos maiores desafios saúde pública no mundo. Constitui-se como uma das principais razões para a perda da vida e um obstáculo significativo para o aumento da expectativa de vida, onde o envelhecimento é um fator primordial para o aumento do surgimento do câncer (Santos, 2023).

No entanto, um dos cânceres que mais acometem as mulheres, no Brasil, é o câncer de mama. Sabe-se que a detecção precoce permite melhores prognósticos e diminui a morbidade associada ao tratamento. Para tal, é necessário a realização de rastreamento para a identificação em indivíduos assintomáticos (INCA, 2015). Segundo o INCA, para os anos de 2023 a 2025 estima-se a ocorrência de 704 mil novos casos de câncer no Brasil, no qual 73,610 é para o câncer de mama.

A mamografia é uma radiografia da mama, que é capaz de detectar lesões muito pequenas, sendo capaz de identificar entre 80% a 90% dos casos de câncer em mulheres que não apresentam sintomas (Santos; Chubaci, 2011).

A mamografia é o principal exame para a detecção precoce do câncer de mama. No qual no Brasil 80% dos diagnósticos ocorrem em estágios avançados, e esse cenário é pior para as mulheres com baixa escolaridade que dependem do Sistema Único de Saúde (Barbosa, 2019). Sabe-se que, quanto mais precoce o diagnóstico, maiores são as chances de cura, por isso a importância dos exames de rastreamento.

A este respeito surgiu a problemática que fundamentou a realização desta pesquisa, o quanto que essas mulheres sabem sobre o exame de mamografia e o câncer de mama, tendo em vista que seja uma problemática recorrente nos dias atuais, é importante ter noções básicas do porquê realizar o rastreamento mamográfico para minimizar a detecção do câncer em estadiamento avançado.

2 METODOLOGIA

A pesquisa apresenta um estudo exploratório de natureza quantitativa. Segundo Rodrigues; Oliveira e Santos (2021) a pesquisa quantitativa visa quantificar diversos aspectos, como o perfil populacional e indicadores socioeconômicos, entre outros. A pesquisa foi realizada na zona urbana do município de Lagoa do Mato (MA) com o objetivo de saber o quanto as mulheres tem conhecimento sobre o exame de mamografia e câncer de mama e abordar fatores para a não realização do exame.

Para a seleção das candidatas não houve distinção quanto à raça ou religião. A pesquisa foi conduzida com mulheres entre 40 a 60 anos. Para isso, foram analisados dados estatísticos da população total do município, e uma amostra foi selecionada para a aplicação do questionário destinado à coleta das informações. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os dados do Censo Demográfico de 2022 relativo à faixa etária do município não estavam disponíveis até a realização da pesquisa, tornando necessário o uso dos dados relacionados ao de 2010. Utilizando uma técnica de amostragem aleatória, foram entrevistadas 60 das 388 mulheres no total.

Para a coleta de dados foi elaborado um questionário que segundo Gil (2008) é definido como uma técnica de investigação com a finalidade de obter informações sobre determinado assunto. Para a aplicação do questionário o pesquisador realizou visitas a todas as entrevistadas,

conduzindo-o em forma de entrevista presencial. No início, foi explicado às participantes o objetivo da pesquisa e garantindo o anonimato das informações coletadas.

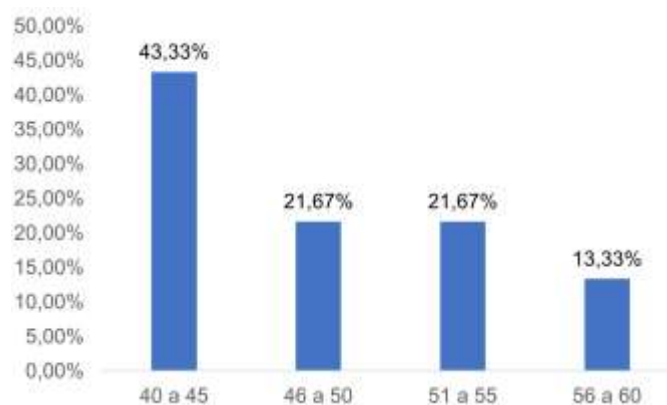
A pesquisa seguiu os mandamentos presentes na Resolução Nº 446/12, que rege documentos internacionais em relação as pesquisas científicas que envolvem seres humanos. Ademais, foi apresentado e assinado pelas participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), onde foram esclarecidos os termos e o anonimato sobre a investigação a ser realizada e também que seria de livre espontânea vontade sua participação na pesquisa.

Os dados presentes no estudo foram tabulados no programa Excel e apresentados em forma de gráficos possibilitando uma melhor visualização dos resultados para que os mesmos serem analisados e apresentados. A partir desta análise os dados foram categorizados de forma sistêmica com o intuito de quantificar a análise sobre o conhecimento das mulheres a respeito da mamografia e do câncer de mama.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados revelou que 43,33% das mulheres participantes da pesquisa se encontram na faixa de 40 a 45 anos, seguidas por 21,67% na faixa de 46 a 50 anos, outras 21,67% na faixa de 51 a 55 anos e 13,33% de 56 a 60 anos, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1: Percentual de respostas em relação à pergunta “Qual a idade da senhora?”



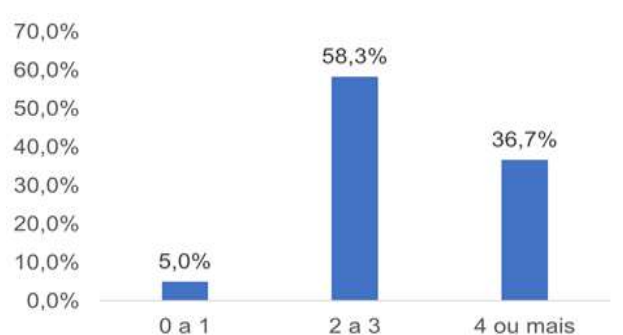
Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

É importante ressaltar que a realização periódica e precoce do exame de mamografia é fundamental na detecção precoce do câncer de mama, o que ajuda de maneira significativa a redução da identificação do câncer em estágio avançado. Como evidenciado na Figura 1, a maioria das participantes (43,33%) se encontra na faixa de 40 a 45 anos, na qual, segundo a Sociedade Brasileira de Mastologia, o Colégio Brasileiro de Radiologia e a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia recomenda o início do rastreamento a partir dos 40 anos.

Existem diversos fatores associados ao aumento do risco de desenvolver o câncer de mama, conforme é destacado pelo INCA. Além das condições hormonais, reprodutivas, genéticas, hereditárias, gravidez tardia a nuliparidade – ausência de gestação ou parto, também está entre esses fatores.

Ao analisar os dados obtidos sobre a quantidade de filhos, podemos observar que esse não é um fator preocupante já que de acordo com a Figura 2, 36,7% entrevistadas possuem 4 ou mais filhos, 58,3% de 2 a 3 e apenas 5% de 0 a 1 filho.

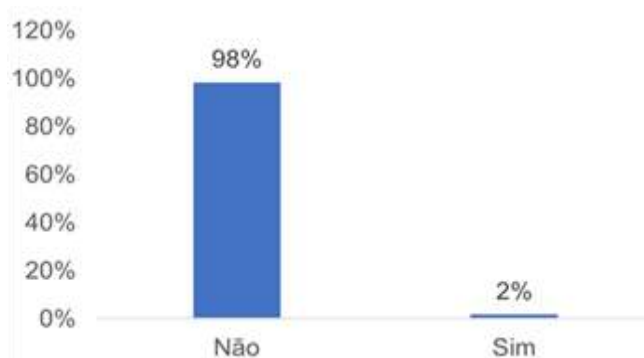
Figura 2: Percentual de respostas em relação à pergunta “Quantos filhos a senhora possui?”.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

Além disso, o uso de reposição hormonal pós-menopausa, quando realizado por mais de 5 anos consecutivos, aumenta o risco de câncer de mama, conforme alertado pelo INCA. Entretanto, os resultados da pesquisa revelam que 98% das entrevistadas não utilizam a reposição hormonal e apenas 2% responderam que sim, como evidenciado na Figura 3.

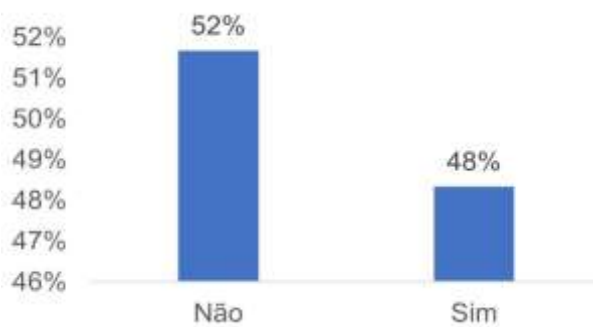
Figura 3: Percentual de respostas negativas e positivas em relação à pergunta “A senhora realiza reposição hormonal?”.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

O autocuidado entre as mulheres desempenha um papel crucial na manutenção da saúde, incluindo cuidados preventivos essenciais, como a consulta regular ao ginecologista e a realização clínica das mamas. No entanto, os resultados da pesquisa revelam uma preocupação significativa nesse aspecto: 52% das mulheres não realizam consulta ginecológica com frequência, como demonstrado na Figura 4.

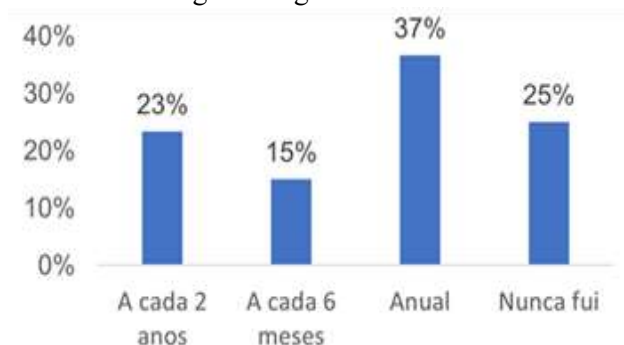
Figura 4: Percentual de respostas negativas e positivas em relação à pergunta “A senhora vai ao ginecologista com frequência?”.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

Além disso, é preocupante observar que 25% das entrevistadas nunca realizaram consulta ginecológica, enquanto 23% fazem a cada dois anos, 37% anualmente e apenas 15% a cada 6 meses, conforme evidenciado na Figura 5.

Figura 5: Percentual de respostas em relação à pergunta “Com que intervalo a senhora vai ao ginecologista?”.



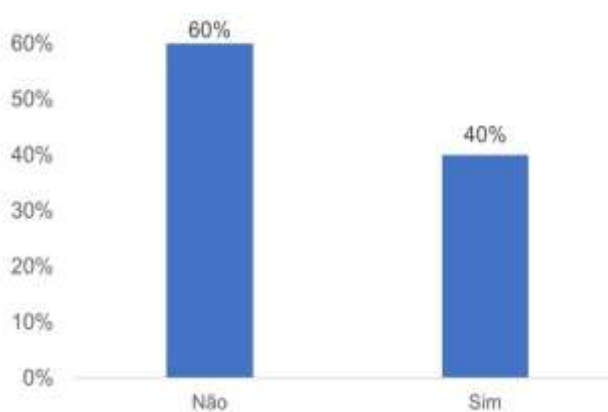
Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

Esses dados sugerem que uma parte significativa da população feminina pode estar excluída não apenas de cuidados ginecológicos regulares, mas também de outros procedimentos médicos preventivos.

Em relação à realização do exame clínico das mamas, como demonstrado na Figura 6, apenas 40% das mulheres o realizam, enquanto mais da metade, ou seja, 60%, não fazem. Esse exame pode ser conduzido por um médico ou enfermeira treinada e permite a detecção de nódulos superficiais (Andrade, 2014). No qual, é uma técnica complementar à mamografia.

Resultados semelhantes foram observados no estudo de Gonçalves et al. (2016), no qual apenas 12% das pacientes realizavam o exame clínico das mamas. Além disso, conforme a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2019, no Brasil aproximadamente 30,5% das mulheres com 18 anos ou mais nunca haviam realizado esse exame. Uma das principais razões para essa lacuna é a enorme desigualdade de acesso aos serviços de saúde mamária.

Figura 6: Percentual de respostas negativas e positivas em relação à pergunta “A senhora realiza exame clínico nas mamas?”.



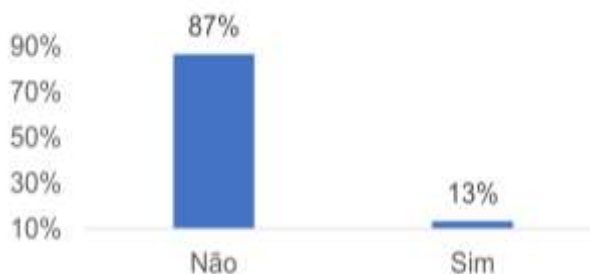
Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

No Brasil há uma grande dificuldade de acesso da população ao sistema de saúde, influenciada por diversos fatores, como restrições financeiras, carência de infraestrutura e longas filas de espera, sobretudo em cidades de menor porte. Essas barreiras vão de encontro ao princípio estabelecido na Constituição Federal, no artigo 196, que garante a saúde como o direito de todos e um dever do Estado.

Conforme destacado por Tomasiello (2023), a população de alta renda, especialmente de etnia branca, tende a ter uma acessibilidade maior ao sistema de saúde. Essa disparidade ressalta a necessidade urgente de políticas públicas que busquem reduzir as desigualdades no acesso aos serviços de saúde em nosso país.

Além disso, de acordo com os resultados da pesquisa, 87% das participantes relataram não enfrentar dificuldades para acessar o sistema de saúde, conforme evidenciado na Figura 7.

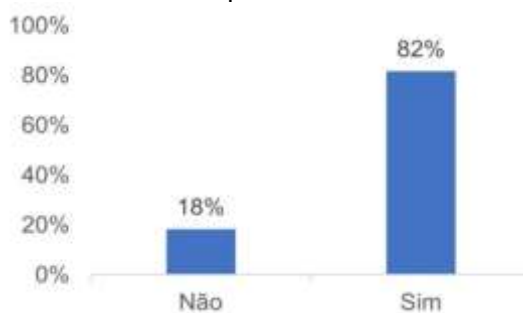
Figura 7: Percentual de respostas negativas e positivas em relação à pergunta “A senhora tem dificuldade de acesso ao sistema de saúde?”.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

A Figura 8 indica que a maioria dos entrevistados (82%) realizam suas consultas através do Sistema Único de Saúde (SUS).

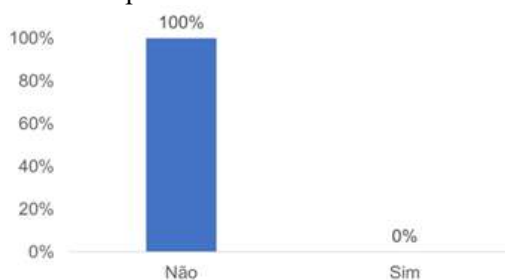
Figura 8: Percentual de respostas negativas e positivas em relação à pergunta “A senhora faz consultas pelo SUS?”.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

Quando indagadas sobre a posse de plano de saúde, todas as participantes responderam negativamente, conforme a Figura 9.

Figura 9: Percentual de respostas negativas e positivas em relação à pergunta “A senhora tem plano de saúde?”.

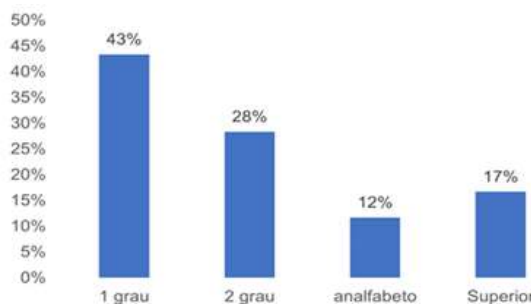


Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

Esses resultados destacam uma realidade na qual a maioria das mulheres confia exclusivamente no SUS para suas necessidades de saúde, não tendo acesso a serviços privados de assistência médica.

Conforme os resultados indicam, ao observar os dados relacionados à escolaridade das participantes, demonstrados na Figura 10, constata-se que 43% concluíram apenas o primeiro grau, havendo uma taxa de 12% de analfabetismo entre elas.

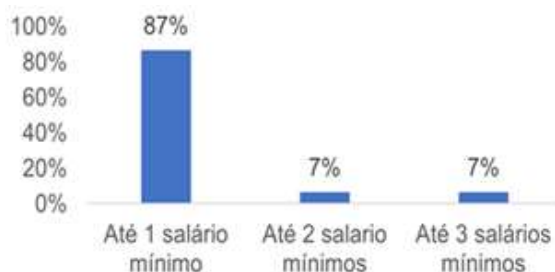
Figura 10: Percentual de respostas em relação à pergunta “Qual a escolaridade da senhora?”.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

Ao analisar os resultados quanto à renda familiar bruta, como evidenciado na Figura 11, nota-se que 87% das participantes têm uma renda de até 1 salário mínimo. Esses dados ressaltam a importância de considerar o contexto socioeconômico das participantes ao interpretar os resultados da pesquisa.

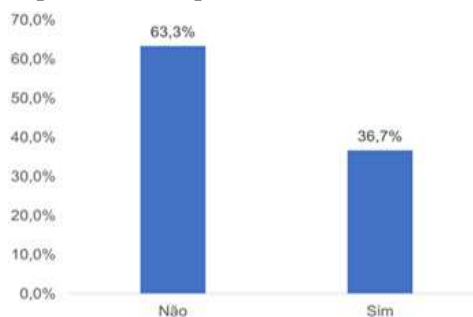
Figura 11: Percentual de respostas em relação à pergunta “Qual a renda bruta mensal da senhora?”.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

O outubro rosa, conforme destacado pelo Ministério da Saúde, representa umas das campanhas mais reconhecidas de conscientização sobre a prevenção e diagnóstico precoce do câncer de mama. No entanto, de acordo com os dados coletados, observou-se que 63,3% das mulheres não acompanham ou até mesmo desconhecem a causa do outubro rosa, como demonstrado na Figura 12.

Figura 12: Percentual de respostas negativas e positivas em relação à pergunta “A senhora acompanha as campanhas outubro rosa?”



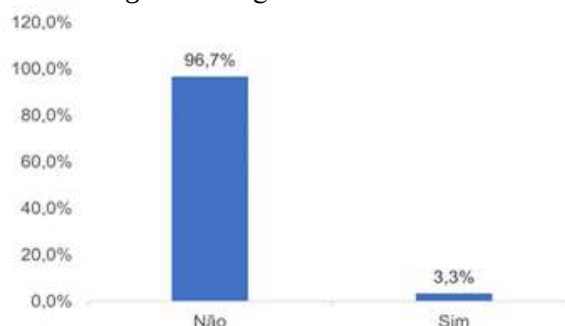
Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

Esses resultados revelam a persistente dificuldade de acesso à informação, mesmo diante de uma campanha realizada anualmente em todo o país. Essa lacuna ressalta a

necessidade contínua de esforços para ampliar o alcance e a conscientização sobre a importância da detecção precoce do câncer de mama.

Conforme ilustrado na Figura 13, 96,7% das entrevistadas nunca realizaram cirurgia em nenhuma das mamas.

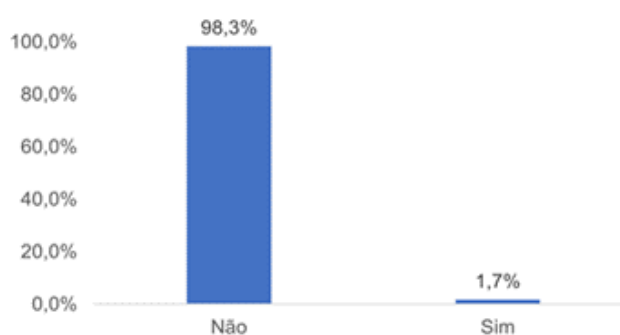
Figura 13: Percentual de respostas negativas e positivas em relação à pergunta “A senhora já fez alguma cirurgia nas mamas?”.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

Além disso, a Figura 14 indica que 98,3% das mulheres nunca tiveram secreção anormal saindo de seus mamilos.

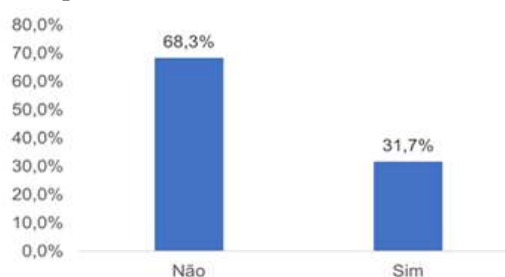
Figura 14: Percentual de respostas negativas e positivas em relação à pergunta “Em algum momento já saiu secreção anormal de seu mamilo?”.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

É importante ressaltar também, que a grande maioria, equivalente a 68,3%, como ilustrado na Figura 15, nunca recebeu nenhum tipo de solicitação médica para nenhum tipo de exame das mamas, seja ultrassonografia ou mamografia.

Figura 15: Percentual de respostas negativas e positivas em relação à pergunta “Algum médico já solicitou algum exame das mamas para a senhora?”.

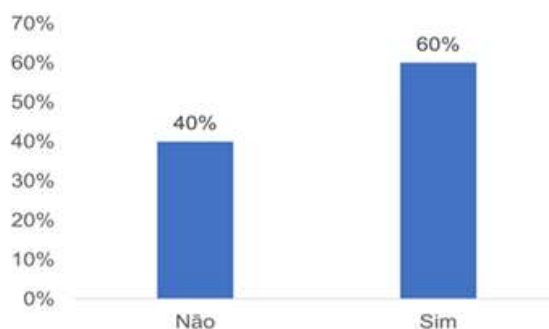


Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

A falta de encaminhamento médico contribui para o aumento da não realização de exames das mamas, reforçando a importância de uma abordagem proativa na promoção da saúde mamária e na identificação precoce de possíveis problemas.

A Figura 16 revela que 60% das mulheres tem conhecimento sobre o câncer de mama e já ouviram falar sobre ele em algum momento de sua vida. No entanto, muitas delas (40%) desconhecem as medidas preventivas para essa doença.

Figura 16: Percentual de respostas negativas e positivas em relação à pergunta “A senhora tem conhecimento sobre o câncer de mama?”.



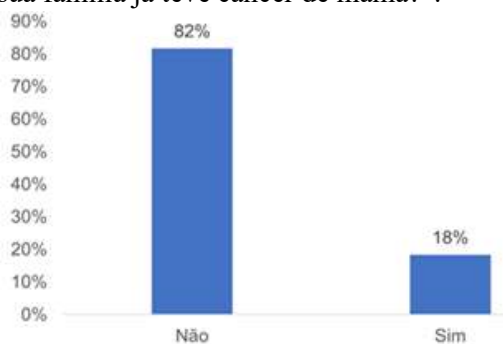
Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

Assim sendo, é imperativo destacar que essa lacuna de conhecimento sobre o câncer de mama ressalta a necessidade contínua de educação e conscientização sobre a importância da prevenção e detecção precoce dessa doença.

O aumento da idade é um fator de risco significativo para a predisposição ao câncer de mama. No Canadá, por exemplo, o risco de uma mulher desenvolver câncer de mama nos próximos 10 anos é de 0,4% aos 30 anos de idade, 1,3% aos 40 anos e 2,3% aos 50 anos (INCA, 2011).

De acordo com a Sociedade Brasileira de Mastologia, para mulheres consideradas de alto risco, é recomendado iniciar o rastreamento mamográfico a partir dos 30 anos de idade ou 10 anos antes do caso de câncer na família, porém nunca antes dos 25 anos. Os resultados da pesquisa indicam que 18% das mulheres relataram casos de câncer de mama em suas famílias, conforme ilustrado na Figura 17.

Figura 17: Percentual de respostas negativas e positivas em relação à pergunta “Alguém de sua família já teve câncer de mama?”.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

No entanto, mesmo fazendo parte desse grupo de alto risco, muitas mulheres não realizam o rastreamento mamográfico. É fundamental destacar que, de acordo com o INCA, entre 5% a 10% de todos os casos de câncer de mama são hereditários.

No Brasil, conforme dados do INCA de agosto de 2023, o país contava com um total de 6.588 mamógrafos, dos quais 6.334 estavam em uso. Na região Nordeste, havia 1.523 mamógrafos, mas somente 1.470 estavam em operação, com apenas 796 disponíveis para o Sistema Único de Saúde (SUS). No estado do Maranhão, foram registrados 154 mamógrafos, sendo que apenas 149 estavam em uso, com 62 destinados ao SUS. Esses dados evidenciam os

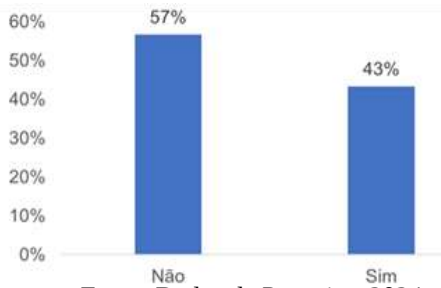
desafios enfrentados no acesso ao rastreamento mamográfico, especialmente em regiões menos favorecidas, como o Nordeste e o estado do Maranhão.

Realizando uma pesquisa mais aprofundada nos municípios vizinhos ao município de Lagoa do Mato (MA), observamos uma escassez na disponibilidade de mamógrafos para atender as áreas próximas. Entre os municípios que fazem fronteira com Lagoa do Mato, como Passagem Franca (MA), Buriti Bravo (MA), Parnarama (MA), São Francisco do Maranhão (MA) e São João dos Patos (MA), não foi identificada a presença de mamógrafos para a realização dos exames de mamografia. Esse cenário dificulta ainda mais o acesso das mulheres da região ao exame.

Nas proximidades da cidade de Lagoa do Mato, de acordo com dados obtidos no Cadastro Nacional de Estabelecimento de Saúde (CNES), foi constatado a presença de mamógrafos apenas nos municípios de Caxias (MA), localizado a cerca de 198 quilômetros com 4 mamógrafos em uso pelo SUS, Presidente Dutra (MA), a aproximadamente 211 quilômetros com apenas 3 mamógrafos em uso pelo SUS, e em Timon (MA), a 229 quilômetros de distância, há apenas 1 mamógrafo em uso pelo SUS. Esses dados evidenciam as dificuldades de acesso à realização do exame, especialmente para mulheres de baixa renda, uma vez que a maioria delas recebe até um salário mínimo, conforme demonstrado na Figura 11. Muitas vezes, a distância é um obstáculo significativo, mesmo que 87% das mulheres realizem consulta pelo SUS.

Ao analisar os resultados sobre o conhecimento das entrevistadas em relação ao exame de mamografia, conforme a Figura 18, foi constatado que 57% delas, desconhecem o exame, enquanto 43% afirmam ter algum conhecimento sobre o procedimento. Esses números refletem uma lacuna significativa no entendimento das mulheres da região sobre a mamografia, um exame crucial na detecção precoce do câncer de mama.

Figura 18: Percentual de respostas negativas e positivas em relação à pergunta “A senhora tem conhecimento sobre o exame de mamografia?”.



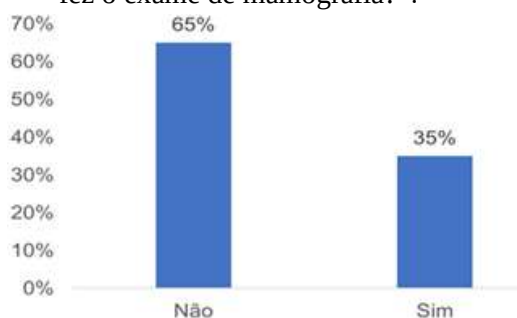
Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

Em um estudo realizado por Santos e Chubaci (2011), que envolveu uma entrevista de 98 mulheres, foi constatado que 22,4% delas não estavam familiarizadas com nenhum exame para detectar o câncer de mama. No entanto, os resultados desta pesquisa divergem dos dados obtidos na presente investigação, onde uma proporção considerável, correspondendo a 57% das mulheres, demonstrou desconhecimento em relação ao exame de mamografia.

A mamografia desempenha um papel fundamental na avaliação de alterações mamárias suspeitas, tendo uma finalidade diagnóstica essencial (INCA, 2023). Segundo dados do INCA, em 2022 foram realizadas 4.239.253 mamografias em mulheres pelo SUS, com a maioria delas destinadas ao rastreamento. Na região Nordeste, foram realizadas 911.210 mamografias em mulheres a partir dos 35 anos de idade.

No entanto, apesar da importância desse exame na detecção precoce do câncer de mama, foi constatado que 65% das entrevistadas nunca realizaram uma mamografia em toda a sua vida, Figura 19.

Figura 19: Percentual de respostas negativas e positivas em relação à pergunta “A senhora já fez o exame de mamografia?”.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

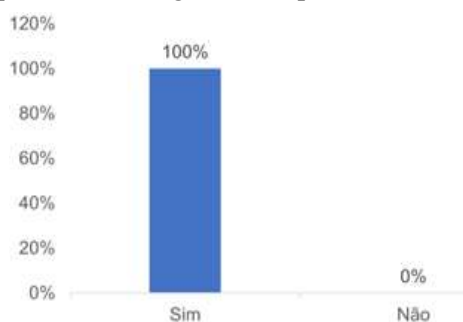
Essa realidade pode estar associada ao fato de que a maioria das mulheres entrevistadas pertencerem a um grupo de baixa renda, enfrentando dificuldades de acesso e a ausência de solicitação médica para o exame.

Esses resultados ecoam as descobertas da pesquisa realizada por Santos e Chubaci (2011), onde a falta de recomendação médica foi identificada como um dos principais motivos para a não realização da mamografia, com uma taxa de 50%. Como observamos na Figura 15, 68,3% das mulheres entrevistadas nunca receberam recomendação médica para realizar o exame de mamografia. Essas barreiras destacam a necessidade de melhorar o acesso aos serviços de saúde e aumentar a conscientização sobre a importância da mamografia na prevenção e diagnóstico precoce do câncer de mama.

Além disso, de acordo com dados do Sistema de Informação do Câncer (SISCAN) por local de residência, no estado do Maranhão em 2023, foram realizados um total de 59.290 exames de mamografia. Surpreendentemente, apenas dois desses exames foram realizados no município de Lagoa do Mato. Essa disparidade revela uma séria escassez de acesso aos serviços de mamografia na região, ressaltando a necessidade urgente de ampliar a oferta desses exames em áreas mais remotas e menos atendidas.

Apesar de 87% das mulheres realizarem consulta pelo SUS, muitas enfrentam dificuldades relacionadas à distância para realizar o exame de mamografia. Essa barreira logística muitas vezes resulta em desistências na busca pelo rastreamento do câncer de mama, mesmo com a conscientização sobre a importância da mamografia na detecção precoce da doença.

Figura 20: Percentual de respostas negativas e positivas em relação à pergunta “Em sua opinião a mamografia é importante?”.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2024.

A Figura 20, ressalta que mesmo tendo ciência da importância da mamografia, a dificuldade de acesso a serviços de saúde especializado, como centros de mamografia, pode representar um desafio significativo para as mulheres, especialmente aquelas que residem em

áreas remotas ou com infraestrutura de saúde limitada. Essa realidade destaca a necessidade de políticas e ações que visem reduzir as barreiras geográficas ao acesso aos exames de mamografia, garantindo que todas as mulheres tenham a oportunidade de realizar o rastreamento regularmente, contribuindo assim para uma detecção precoce e melhores resultados no tratamento do câncer de mama.

4 CONCLUSÃO

Os resultados desta pesquisa revelam que embora o câncer de mama seja uma preocupação conhecida entre as mulheres, o conhecimento sobre a importância da mamografia para a detecção precoce da doença ainda é limitado.

Diante dos desafios identificados, fica evidente a necessidade crítica de priorizar a mamografia como uma ferramenta fundamental na luta na detecção precoce do câncer de mama. É crucial superar barreiras existentes, como a escassez de mamógrafos em áreas remotas, a falta de recomendações médicas, as dificuldades logísticas e a desigualdade no acesso aos serviços de saúde.

Para tanto, é imperativo que sejam implementadas políticas públicas e estratégicas de saúde que garantam o acesso igualitário à mamografia para todas as mulheres, independentemente de sua localização ou condição socioeconômica. A detecção precoce do câncer de mama desempenha um papel fundamental na melhoria das taxas de sobrevivência e na qualidade de vida das mulheres afetadas pela doença.

Somente por meio de esforços coordenados e investimentos adequados será possível construir um futuro onde todas as mulheres tenham a oportunidade de realizar exames de mamografia regularmente. Isso contribuirá significativamente para um combate eficaz e abrangente contra o câncer de mama, salvando vidas e promovendo a saúde feminina em todo o mundo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S.A.F. A importância do autoexame e exame clínico das mamas. **Revista Unilus Ensino e Pesquisa**. v.11. n. 23. p. 111-113. 2014.

BARBOSA, Y.C. et al. Fatores associados à não realização de mamografia: Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. **Revista brasileira de epidemiologia**, v. 22, p. e190069, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-549720190069>.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/14cns/docs/constituicaofederal.pdf>. Acesso em 20 fev. 2024.

BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diário Oficial da União, Brasília, DF, jun. 2013. Seção 1, p. 59-62.

BRASIL. **Ministério da saúde**. Maranhão: foram mais de 198 mil mamografias pelo SUS nos últimos sete anos. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias-para-os-estados/maranhao/2022/outubro/maranhao-foram-realizadas-mais-de-198-mil-mamografias-pelo-sus-nos-ultimos-sete-anos>. Acesso em: 24 fev. 2021.

COUTO, H.L. Dia Nacional da mamografia: SBM esclarece dúvidas sobre o exame. **Sociedade Brasileira de Mastologia**. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.sbmastologia.com.br/dia-nacional-da-mamografia-sbm-esclarece-duvidas-sobre-o-exame/>. Acesso em: 25 fev. 2024.

GARCIA, G.N, et al. Manual da Sociedade Brasileira de Mastologia regional São Paulo: Rastreamento do câncer de mama. **Sociedade Brasileira de Mastologia**, p.1-24, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/danye/OneDrive/Documentos/Artigos%20para%20TCC/Sociedade%20Brasileira%20de%20Mastologia.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2023.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A. 2008.

GONÇALVES, C. V. et al. O conhecimento das mulheres sobre os métodos para prevenção secundária do câncer de mama. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.22, n. 12, p.4073-4082, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320172212.09372016>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. **Censo Brasileiro de 2022**. Lagoa do Mato (MA): IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/lagoa-do-mato/panorama>. Acesso em: 08 de jul. de 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (Brasil). Câncer de mama: vamos falar disso? / **INCA**. 8. ed. Ver. E atual. Rio de Janeiro: INCA, 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (Brasil). Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil/ **INCA**. Rio de Janeiro: INCA, 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (Brasil). Números de mamógrafos no Brasil e no SUS. INCA, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/gestor-e-profissional-de-saude/controlado-cancer-de-mama/dados-e-numeros/numero-de-mamografos-no-brasil-e-no-sus#:~:text=Em%20agosto%20de%202023%2C%20o,dos%20quais%206.334>. Acesso em: 25 fev. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (Brasil). Promoção da saúde e câncer de mama. INCA, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br>. Acesso em: 24 jan.2024.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (Brasil). Rastreamento organizado do câncer de mama: a experiencia de Curitiba e a parceria com o Instituto Nacional de Câncer. **Instituto Nacional de Câncer**. Rio de Janeiro: INCA, 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Diretrizes para a detecção precoce do câncer de mama no Brasil. **INCA**. Rio de Janeiro: INCA, 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER. Dados e números sobre o câncer de mama: relatório anual 2023. Rio de Janeiro: **Instituto Nacional de Câncer**. 2023. Disponível em: https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files/media/document/relatorio_dados-e-numeros-ca-mama-2023.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO DO CÂNCER (SISCAN). **Mamografia por local de residência (MA)- 2023**. Disponível em: http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/dhdat.exe?siscan/mamografia_residma.def. Acesso em: 25 fev. 2024.

PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE: 2019. **Ciclos de vida**. Brasil/IBGE, coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE: 2021. Disponível em: <https://www.pns.icict.fiocruz.br/wp-content/uploads/2021/12/liv101846.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2024.

RODRIGUES, T. D.F.F.; OLIVEIRA, G. S.; SANTOS, J. A. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**. Rio de Janeiro, v.2, n. 1, p. 154-174, 2021.

SANTOS, G. D. DOS.; CHUBACI, R. Y. S. O conhecimento sobre o câncer de mama e a mamografia das mulheres idosas frequentadoras de centros de conveniência em São Paulo (SP, Brasil). **Ciências & Saúde Coletiva**. São Paulo. v.16, n. 5, p. 2533-2540, 2011.

DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000500023> .

SANTOS, M.O., et al. Estimativa de incidência de câncer de no Brasil, 2023-2025. **Revista Brasileira de cancerologia**. São Paulo. V. 69, n. 1 (2023): e-213700, 2023. DOI:

<https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2023v69n1.3700>.

TOMASIELLO, D. B., et al. Desigualdades raciais e de renda no acesso à saúde nas cidades brasileiras. **Ipea**, 2021. Disponível em: [https://www.semanticscholar.org/paper/TD-2832-](https://www.semanticscholar.org/paper/TD-2832-Desigualdades-raciais-e-de-renda-no-acesso-Tomasiello-Bazzo/cc9e3e1f7e09943671619e5116ea39eb95eb82ed)

[Desigualdades-raciais-e-de-renda-no-acesso-Tomasiello-](https://www.semanticscholar.org/paper/TD-2832-Desigualdades-raciais-e-de-renda-no-acesso-Tomasiello-Bazzo/cc9e3e1f7e09943671619e5116ea39eb95eb82ed)

[Bazzo/cc9e3e1f7e09943671619e5116ea39eb95eb82ed](https://www.semanticscholar.org/paper/TD-2832-Desigualdades-raciais-e-de-renda-no-acesso-Tomasiello-Bazzo/cc9e3e1f7e09943671619e5116ea39eb95eb82ed). Acesso em: 22 fev. 2024.